

Santo Soldado

Militarização de Santo Antônio no Rio de Janeiro Setecentista

Rafael Brondani dos Santos

Espelhos das almas de todos os fiéis, os santos mais populares formam a grande corte celestial da América Portuguesa, destacando-se Santo Antônio, o mais completo dos Santos¹, o “Santo Universal”² por seus diversos milagres e pela célebre função de “deparador” do perdido, seja de um escravo fujão, ou do reino perdido para os castelhanos, Santo Antônio de Lisboa, de Pádua, e também do Brasil, ocupa lugar de destaque na devoção popular, já que na colônia, vivendo-se sob o signo do provisório, todos tinham algo a deparar e para extirpar na luta contra os hereges, principalmente as terras constantemente visadas por estrangeiros de modo particular no período posterior ao fim da União Ibérica. O Santo mais popular e de maior plasticidade na Colônia, padroeiro de Portugal, patrono dos iletrados, guardião das coisas perdidas, objetos, afetos, amantes desaparecidos, maridos sumidos, noivos desejados, “adotado” pelos colonos como principal protetor contra as agruras da vida cotidiana e como intercessor dos que tinham algo a deparar, estaria presente no cotidiano da vida social da Colônia.

Dessa forma, de boca em boca, de escrito em escrito, a tradição foi aumentando a auréola de Santo Antônio, invocado como “cupido” celeste e soldado português, onde a humildade do frade franciscano transforma-se numa legenda de realizações, em que o real se cruza com o imaginário, e a religião enfrenta a credence exaltando a figura de Antônio se não como Santo, como personagem histórico onde a História se cruza com a lenda.

Abundam na hagiografia católica santos vinculados às artes marciais. O próprio Javé tinha entre seus títulos o de Deus dos Exércitos³. São Miguel Arcanjo traz sempre a espada na mão e tornou-se o capitão das milícias celestes ao desbaratar a revolta de Lúcifer, São Sebastião era soldado romano, São Martinho de Nantes valoroso militar, Santo Inácio de Loyola lutou na armada castelhana, e São Jorge, o militar por excelência da milícia celestial com sua espada desembainhada, enfim tantos vinculados diretamente à militarização, mas no Brasil e no Reino é a figura de Antônio que se destaca como militar na corte celeste ao ser recrutado como soldado frente aos infiéis e hereges. Patrono e companheiro dos soldados que ostentavam em seus estandartes a cruz de Cristo, Santo Antônio foi invocado como defensor do povo luso-brasileiro.

Sempre presente como companheiro próximo e permanente dos militares, principalmente, o “Martelo dos Hereges” estava sempre pronto a combater pela causa de seus compatriotas em prol do sucesso do povo português, pois segundo o Padre Antônio Vieira,

“aos infiéis o levava seu espírito, porque era espírito português. Aos católicos, a paz, mas aos infiéis, a perpétua guerra. Deus para formar o Martelo das Heresias foi buscar o ferro às minas

de Portugal, porque a dureza natural do ferro português é para quebrantar e converter os infiéis, para vencer e batizar os vencidos e torná-los parte viva do corpo místico de Cristo.”⁴

É desse modo que no Brasil nosso Santo se destaca no combate contra infiéis e hereges que estavam sempre à espreita no intuito de tomar e saquear o território brasílico. A intervenção antonina no Brasil inicia-se na Bahia com sua prodigiosa guerra contra os infiéis franceses, que em 1595 tentaram tomar a cidade de Salvador. Assim foi exatamente na fortaleza da Barra da Bahia de todos os Santos, em fins do século XVI ou início do século XVII, que seu titular, Santo Antônio, foi incorporado pela primeira vez ao exército português no posto de soldado raso, uma devota iniciativa que implicava não apenas a confiante proteção desse soldado divino ao forte e seus colegas de farda, como também o interessante pagamento pelo tesouro real de soldo correspondente a seu posto, cujo valor se destinava a cobrir as despesas associadas ao culto e à festividade do primeiro santo do calendário junino. Apesar do santo não ter dado seu pronto valimento quando os holandeses invadiram a Bahia em 1624, canhoneando impiedosamente na Barra, não se deixou de lembrar que foi no forte de Santo Antônio além do Carmo, na outra extremidade da cidade alta, que em 1638 o exército do príncipe Maurício de Nassau foi batido, retirando-se para Pernambuco, e sobre este fato, Vieira não tinha dúvida, fora o santo lisboeta que havia defendido a Bahia:

“E se me perguntardes de que modo se repartiu a vitória da Bahia entre o senhor e o servo, entre o Salvador e Santo Antônio, digo que na mesma Bahia temos razão da semelhança, e tão semelhante, que não pode ser mais natural, nem mais própria. A cidade da Bahia é cidade do Salvador, e Bahia de todos os Santos, e assim como enquanto cidade do Salvador, pertence a defesa da cidade ao Salvador, assim como Bahia de todos os Santos pertence a defesa da Bahia a Santo Antônio. E porque? Mais admirável ainda é o porquê, que a mesma resposta. Porque sendo a Bahia, Bahia de Todos os Santos, a todos os santos pertencia a defesa dela. Logo se a todos os Santos pertencia a defesa da Bahia, por isso a defendeu Santo Antônio, porque Santo Antônio sendo um só é todos os Santos.”⁵

De acordo com Ronaldo Vainfas,⁶ o “Martelo dos Hereges” que triunfara contra os holandeses em 1638, fizera-o, segundo Vieira, por Deus e pela Bahia, e um pouco pela Monarquia, mencionada mais vagamente e com o cuidado de separar Espanha de Portugal.

Sempre pronto a dar seu valimento nos momentos de maior dificuldade para os luso-brasileiros, Santo Antônio reapareceria nas Invasões francesas à cidade do Rio de Janeiro no início do século XVIII, em 1710 por Duclerc e em 1711 por Duguay-Trouin, já que o Rio de Janeiro contava com precário estado de conservação de suas defesas e de suas fortalezas, além de instável e reduzida guarnição e insuficiência de munições o que acarretava um verdadeiro desconforto na população apenas com o simples vislumbrar de pavilhões estrangeiros por perto da costa.

Já havia algum tempo, estrangeiros rondavam as costas brasílicas, e de modo particular, a do Rio de Janeiro, porém sem dúvida os mais assíduos freqüentadores foram

os franceses, fazendo do escambo com os nativos e do contrabando com os colonos e saques as vilas costeiras área privilegiada para a prática da pirataria.

Achando-se a França muito queixosa de Portugal, segundo Rocha Pitta, pelo não recebimento de sua união naquele tempo em que tinha poderosos motivos a rejeitar, declarando-se pelo sereníssimo senhor Rei Carlos III contra Filipe V, que então empreendia a conquista da monarquia castelhana. O Rei Luis XIV a partir deste sentimento então permitiria que os franceses se animassem a invadir o Rio de Janeiro, que pela sua opulência permitiria um saque de muito preço⁷, já que a cidade era considerada um prêmio desejável pela grande riqueza proveniente do ouro de Minas Gerais.

Assim, na manhã de 17 de Agosto de 1710 chegava a Baía de Guanabara a esquadra francesa comandada pelo corsário francês Jean-François Duclerc, composta de seis navios e mais de mil homens⁸, com o objetivo de saquear metais preciosos da cidade, porém mesmo o porto do Rio de Janeiro contando com débeis defesas, ainda em desenvolvimento, o plano francês malogrou.

Hostilizado pelos disparos da fortaleza da barra, Duclerc desembarcou na praia de Guaratiba, no fatídico 11 de Setembro daquele ano, seguindo a pé por matos e serranias até bem próximo à cidade quando alcançaram o engenho dos jesuítas.⁹ Após varrerem os sertões e chegarem a cidade encontraram uma grande resistência comandada por ninguém menos que Santo Antônio.

O governador da cidade, Francisco de Castro Morais preparou-se como pode, apesar dos limitados recursos de que dispunha, porém não queria prescindir, na defesa da cidade, do auxílio divino, obtendo-o pela intercessão de São Sebastião, padroeiro da cidade, e que em 1567 já havia realizado milagre na expulsão de franceses da cidade, quando uma índia da tribo Guarani, aliada dos portugueses, teria visto o santo, que assustara os índios da tribo Tamoio, aliada dos franceses, que por medo fugiram e levaram os inimigos de Portugal a perderem a guerra, garantindo a Estácio de Sá, com o auxílio do santo mártir, expulsar os franceses, assim recomendou-se a este orago as praias na defesa contra os franceses e a Santo Antônio, já com tradição militar em Portugal, constituiu General dos exércitos de campo.¹⁰

Dessa forma, quando do ataque de Duclerc, Santo Antônio que já ocupava destacado papel de soldado honorário da guarnição da cidade é lembrado e retirado do altar para se colocar sobre o muro do Convento para deste modo inspirar e guiar na rápida e definitiva vitória sobre o invasor.¹¹

No mesmo dia 18 de Setembro em que os franceses acamparam no Engenho Velho, o governador Castro Morais mandou pedir ao Convento de Santo Antônio que no dia seguinte fossem celebradas todas as missas pelo feliz êxito na batalha. Além disso, e para garantir a divina intercessão, enviou à imagem do Santo a patente de Capitão de Infantaria, que seria confirmada por Carta Régia de 1711:

“Eu, El-Rei, vos envio muito saudar. Havendo visto que me escreveu em carta de 13 de Novembro do ano passado, em como na véspera do assalto que deram os Franceses nessa, achando-se o povo dela em grande confusão, vendo tão vizinho o inimigo intrépido, se recorreu também aos santos, e se mandara nesta ocasião sentar praça de capitão, tendo já de soldado o glorioso Santo Antônio [grifo meu], mostrando-se neste conflito desempenhar bem as obrigações de seu posto. Me pareceu dizer-vos fui servido de aprovar esta Praça que se deu a Santo Antônio de capitão de Infantaria, com declaração que a importância de seus soldos se apliquem para sua festa e ornato de sua capela, cujos soldos hão de ser os mesmos que se pagam a dinheiro aos mais capitães, e por vossa via se fará esta despesa, porque não haja nenhum extravio e esta minha ordem fará registrar nos livros da fazenda e nas mais partes a que tocar, etc.”¹¹

O Provincial franciscano, ainda mandou entregar a Castro Morais o bastão de Santo Antônio, oferecido ao santo em 1705 por Sebastião Xavier da Veiga Cabral, então governador da Colônia de Sacramento, pela intercessão do santo taumaturgo na resistência por mais de seis meses às forças superiores dos castelhanos. Fervoroso em sua crença, Veiga Cabral atribuiu à proteção de Santo Antônio o ter podido sustentar a defesa da Colônia, sem rendição, e, para testemunhar a sua gratidão, subiu a ladeira do Convento para entregar a imagem antonina o seu bastão de comando. Colocando-o sob a responsabilidade das mãos do seu guardião, Frei Manuel de Santa Inês. O governador Castro Morais, porém após beijá-lo e colocá-lo sobre sua cabeça lhe restitui ao Provincial solicitando que o frade colocasse a imagem de Santo Antônio com o bastão na mão, na muralha do Convento, a fim de, como general, presidir a próxima batalha.

Assim, Castro Morais passava a contar com a mais poderosa das armas para a defesa da cidade em pânico: a Fé.

Em 19 de Setembro de 1710, dia dedicado a São Januário, com a certeza da presença espiritual ao seu lado, e como o número de milicianos não era suficiente, e a maioria destes apresentavam duvidosa qualidade de comando segundo Boxer, incluindo-se aí um dos comandantes do regimento que de tão velho, doente e gordo, só conseguia alcançar sua montaria quando içado para a sela por alguns oficiais, depois de ter subido a um banco¹². Os defensores da cidade (paisanos, operários, clérigos e frades), empurrados pelos estudantes-seminaristas, desprezaram a concentração de forças de Castro Morais e foram ao encontro dos franceses, que avançavam por Mata-Cavalos (atual rua do Riachuelo), desbordando as lagoas do caminho, e quase apontavam na Lapa do Desterro, com patrulhas avançadas já incidindo sobre o Castelo. Desse modo, segundo Eduardo Brazão¹³, pouco antes da Ave Maria, os sinos de todas as Igrejas dobravam anunciando festivamente a vitória¹⁴, pois Duclerc havia sido fragorosamente derrotado, acabando os franceses encurralados no Trapiche da Rua Direita (atual Primeiro de Março). Duclerc foi então levado para o Colégio dos Jesuítas, que lhe serviu de cadeia provisória, depois foi transferido para uma casa de aluguel, onde desfrutou de liberdade vigiada até ser assassinado por um grupo de homens mascarados. Desbaratados os franceses, Santo Antônio mais uma vez mostrou que era o defensor e protetor das armas portuguesas.¹⁵

Para comemorar a memória da vitória sobre os franceses e da proteção de Santo Antônio, a imagem do Santo taumaturgo foi colocada no frontispício da Igreja do Convento, e por estar exposta, o povo, sempre propenso a alcunhar as coisas, chamou-a de Santo Antônio do Relento. Durante os meses seguintes, o governador, os soldados e os moradores do Rio de Janeiro promoveram festejos como mostras de sua alegria “em ação de graças a Deus” por retumbante sucesso, recebendo do monarca português, através de carta régia de 10 de Março de 1711¹⁶, elogios e mostras de gratidão pelo valor com que defenderam aquela conquista dos seus inimigos.

As comemorações e os louros da vitória durariam pouco, pois na França o desgosto era natural pela derrota e pelo tratamento dispensado aos prisioneiros. Assim, aproximadamente um ano após a vitória sobre Duclerc, num lance cinematográfico, no dizer de Fernanda Bicalho, antes que a névoa da manhã se dissipasse por completo e os portugueses percebessem a 12 de Setembro de 1711 uma esquadra francesa composta por 18 navios fez a entrada mais espetacular na barra do Rio de Janeiro de que se tivera notícia¹⁷, mesmo tendo sido a cidade avisada dos planos de invasão pelos ingleses. Capitaneados agora por René Duguay-Trouin, os franceses invadiram a cidade com um total de 3.300 homens, numa tentativa de vingar o insucesso de Duclerc, não encontrando resistência no confuso e apavorado cenário que se tornou a cidade pelas sucessivas ordens de Castro Morais desautorizando qualquer contra-ataque e, por fim, determinados o abandono das trincheiras e a total evacuação da cidade.

O que nos parece estranho é o fato de que as autoridades não recorreram ao valoroso auxílio de Santo Antônio, visto os recentes resultados e o fato de que o mesmo Castro Morais era o Governador, porém, podemos pensar que diante da enormidade do esforço comandado por Duguay-Trouin, que trazia três vezes mais força que Duclerc, o mesmo Castro Morais não tenha tido tempo de pedir auxílio ao divino militar.

A cidade, tomada pelo medo, ficara inteiramente abandonada pelos seus defensores e entregue ao mais completo saque por parte dos franceses, assim, durante o terrível bombardeio de 12 para 13 de Setembro, o Convento Franciscano, dedicado a Santo Antônio, transformou-se em refúgio de muita gente. Homens, mulheres e crianças misturavam-se com os frades.

Em meio a desorganização geral e ao sentimento de pavor que se alastrava pela cidade tomada pelos franceses, o governador Castro Morais que desautorizara qualquer forma de contra-ataque, não hesitou e ordenou um grande “salve-se quem puder”, ocasionando pânico e confusão, deixando aos invasores uma cidade praticamente deserta, restando apenas alguns poucos velhos, crianças e mulheres que não haviam conseguido fugir. Os invasores se apossariam assim do território urbano até a retirada.

Os franceses só se deram conta do ocorrido quando à luz do dia, perceberam que os únicos ocupantes da cidade eram os sobreviventes da expedição de Duclerc, que tinham

fugido da prisão e se animavam em realizar a pilhagem das casas abandonadas, sendo drasticamente repreendidos pelo comandante francês.

Sem mais esperar pelos reforços vindos sob o comando de Antônio de Albuquerque de Minas Gerais, Castro Morais, começou a negociar a retirada dos franceses da cidade. O Rio de Janeiro pagaria então, alto tributo para que Duguay-Trouin se retirasse e a urbe não fosse arrasada: 610 mil cruzados em moeda, cem caixas de açúcar e todo o gado julgado necessário para o abastecimento dos navios. Assim, satisfeito, o comandante embarca às pressas antes que o exército de socorro comandado pelo General Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho chegasse da região das Minas, levando consigo alguns desgraçados cristãos-novos que encontrara a espera de deportação para Portugal, onde seriam julgados pela Santa Inquisição. A viagem de regresso, porém não seria tão tranqüila segundo Boxer, pois após abandonar o plano de saquear também a Bahia, quando a frota alcançou a latitude dos Açores, foi de encontro a um grande temporal em 29 de Janeiro de 1712, no qual dois navios afundaram com todos os seus tripulantes, mas apesar das perdas a expedição mostrou excelente lucro material.

No Rio de Janeiro, diante da recusa do povo em aceitar o governo do acovardado Castro Morais, Albuquerque assumiu e permaneceu no governo, sendo o antigo governador levado a Portugal e julgado, terminando por ser demitido e sentenciado a exílio perpétuo numa fortaleza indo-portuguesa, mas esta sentença seria cancelada trinta anos mais tarde. Após a reconstrução da cidade, Antônio de Albuquerque partiria para “pacificar” o conflito entre ‘filhos da terra’ e os portugueses em Pernambuco.

Percebemos então que mesmo não dando pronto valimento nesta invasão como o fizera na anterior, Santo Antônio passaria a ser importante ator social, um perene ponto de ligação entre os tempos da cidade. E continuando sua prodigiosa carreira militar na cidade que defendera, alcançaria um século mais tarde o posto de Tenente-Coronel e a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo.

Segundo Luiz Mott,¹⁸ toda a militarização do beato casamenteiro teve dois claros objetivos; o mais evidente era carrear para os conventos, igrejas e agremiações religiosas doações extras por parte do Erário com o fim de perpetuar e incrementar a mais luso-brasileira das devoções. Investimento com retorno não apenas preternatural, mas com inegável ressonância na área macropolítica, na medida em que o mais querido filho de Portugal catalisava afirmativamente, mais que nenhum outro herói lusitano, sobretudo quando a Pátria ou seus territórios ultramarinos eram ameaçados por franceses, huguenotes, holandeses calvinistas, mouros da barbárie ou mesmo por invasores espanhóis, como durante os oitenta anos em que os Filipines reinaram com as duas coroas, porém, sobretudo no Brasil escravista, como não mais havia hereges a martelar, salvo alguns perseguidos pela Inquisição, nem cativos a resgatar na barbárie, o dogmatista Santo Antônio tem seu poder de fogo redirecionado para outras ovelhas apartadas do Bom Pastor, as ovelhas negras.

Ao misturarmos a piedosa devoção a um santo de natureza pacífica a feitos militares sangrentos, parece estranho que o santo franciscano tenha chegado ao generalato nas terras brasileiras, e ainda mais quando, em relação à terra carioca, especialmente, São Sebastião, padroeiro e orago desta, nem tenha sido considerado sequer soldado nos Tempos Modernos.

Santo Antônio passa então a ser fonte de inspiração para eruditos e populares, sendo, sobretudo para estes últimos o santo por excelência, lembrado pelos autores do povo em suas querelas cotidianas. Assim a verdadeira imagem do puro e místico frade franciscano, famoso por sua poderosa eloquência, por sua imensa modéstia, por sua castidade sem mancha, por seu desprendimento de cuidados e vaidades mundanas, foi se adaptando a uma nova concepção do sagrado, onde as relações interpessoais passam por profundas modificações e a relação com o sagrado passa da ortodoxia rígida para a intimidade, para a familiarização, um processo de hibridismo cultural, onde o elemento da fluidez religiosa ganha novos traços marcados pela devoção exacerbada e exemplificada no culto aos santos e de modo particular no culto à Santo Antônio, que das suas qualidades intelectuais que o celebrizaram como grande teólogo e pregador, pouco se conservou no âmbito da cultura popular e de uma religiosidade mais vivida que conceitualizada. Sendo dessa forma, toda a imagem do santo, de luminosa e impalpável que era condensando-se e atarracando-se numa espécie de homem do povo idealizado, uma criatura simples e bonachona, complacente e serviçal, mas sobretudo, nutrida de características humanas, capaz de orgulho, cólera, de parcialidades e mesmo de malícias e travessuras.¹⁹

O “Santo dos Milagres”²⁰ torna-se assim uma legenda de realizações, um verdadeiro campeão da fé, pois segundo Amadeu Amaral, ninguém fez tantos e tão notáveis milagres, nem mais copiosos, nem mais diversos, uma vez que todo o campo das ações prodigiosas, dividido para os outros santos em departamentos mais ou menos extensos, para o franciscano português tem sido muito limitado, pois o Santo universal alcançava e fazia alcançar todo e qualquer milagre, porém apesar de tanto poder e prestígio principalmente dos mais humildes, é o mais humilde, o mais alegre, o mais “camarada” entre os grandes da corte celestial, e se não possuía uma especialidade única, era o único em uma especialidade, já aqui explicitada, a de ser deparador do perdido, e em uma sociedade onde todos tinham algo a deparar ou a extirpar, sua fama ultrapassa gerações e sua aureola cresce cada vez mais, e mesmo quando é insultado e destrutado não sugere desprestígio por parte dos fiéis, mas pelo contrário, indicam a força de sua presença no cotidiano e o quanto se acreditava que dele dependia ou devia depender a resolução das mazelas diárias.

E é na função de deparador que nosso santo mais se destaca, recuperando e restituindo aos legítimos donos seus objetos e bens perdidos, defendendo os interesses lusobrasílicos, auxiliando os que necessitavam de proteção divina, protegendo as cidades portuguesas e brasileiras de todos que as quisessem usurpá-las. Assim o Santo que nos graus e hierarquias celestes ocupava lugar de destaque, e já que segundo Vieira, “sendo um só era

todos os santos juntos”²¹ acompanharia seus fiéis também contra aqueles que não se alinhavam com os interesses de Portugal, lutando ao lado dos que acreditavam na vitória do povo português, revestindo-se da armadura da fé, e militarizando-se, transmutando-se no soldado da fé para defender a Pátria que o fez luzir para o mundo.

Santo Antônio passa então, a ser um santo que, estendendo sua auréola aos mais diversos estratos sociais, sendo desde o santinho casamenteiro popular, passando pelos diversos postos militares no Brasil Colonial, até restaurador da soberania lusa que havia sido perdida para os espanhóis, estava muito próximo de tudo e de todos que tinham algo a pedir ou a deparar. Assim, militarizando-se em prol dos interesses de seus compatriotas, restaurando tudo o que fora perdido pelos populares ou pelo Reino, nosso santo ainda hoje desperta o interesse de muitos, seja como personagem histórico, ou como digno dos que ‘entregam sua vida a Deus’, fazendo jus ao título de “Santo Universal”, permeando o imaginário e a vida dos que acreditam e confiam em sua legenda de realizações.

¹ Amadeu Amaral. “Tradições Populares” SP: Hucitec, 1976.

² Antônio Vieira. “Sermões”, Porto, Lello & Irmão Editores, 1959.

³ A Bíblia de Jerusalém, SP: Paulus, 1996, I Samuel, I, 3.

⁴ Antônio Vieira. “Sermões”. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1959. Vol.VII, pp. 75-76.

⁵ Antônio Vieira. “Sermões”. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1959. Vol.VII, p. 36.

⁶ Ronaldo Vainfas. “Santo Antônio na América portuguesa: religiosidade e política.” Revista USP, São Paulo, nº. 57: pp. 28-37, mar-maio – 2003.

⁷ Antônio Vieira. “Sermões”. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1959. Vol.VII

⁸ Rocha Pitta. História da América Portuguesa. RJ: Jackson, 1950. p. 422-423.

⁹ C.R. Boxer. “Os franceses no Rio de Janeiro”. In: A Idade de Ouro do Brasil. Dores de crescimento de uma sociedade colonial, SP: Companhia Editora Nacional, 1963, p. 89-106.

¹⁰ Idem.

¹¹ Brasil Gerson. História das Ruas do Rio de Janeiro. RJ: Editora Souza, 1954.

¹² C.R. Boxer. A Idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: 2000. pp. 111-132.

¹³ Eduardo Brazão. As expedições de Duclerc e Duguay-Trouin ao Rio de Janeiro, 1710-1711. Lisboa, 1940.

¹⁴ Basílio Röwer, frei. O convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro.

¹⁵ Revista do Inst. Hist. Br. 1920, p. 379.

¹⁶ Roberto Ruiz, “Antônio: um santo que falava português” Petrópolis, Vozes, 1995. p. 106-107.

¹⁷ Maria Fernanda Bicalho. A cidade e o Império. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

¹⁸ Maria Fernanda Bicalho. A cidade e o Império. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. p. 271.

¹⁹ Luiz Mott “Santo Antônio, o divino capitão-do-mato”. In: J. Reis e F.Gomes (orgs). Liberdade por um fio. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, pp.110-138.

²⁰ Amadeu Amaral. “Tradições populares”. SP: Hucitec, 1976. pp.357-358.

²¹ Antônio Vieira. “Sermões”. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1959. Vol.VII, p.37-38.